

JOSÉ CARDOSO PIRES

REPENSAR PORTUGAL

Um leitor de Sérgio — já não digo um crítico ou um especialista—um leitor, em suma, avisado sente-lhe no tom da exposição uma despojada ânsia de clareza e um desapego irreverente ao aparato tecnicista que o distanciam desde logo dos filósofos e investigadores do nosso tempo, mesmo daqueles que mais de perto se ajustaram ao pensamento sergiano. Isto, entre outras coisas, porque Sérgio formou a sua lógica racional na prática das matemáticas e na demonstração experimental cartesiana; e também porque quando escreve, põe como interlocutor ideal *O Jovem*, a quem se dirige sem artifícios paternalistas nem condescendências autoritárias. Daí que o seu estilo tenha aquele discorrer «pedagógico», aquele pensar em voz alta que é próprio de quem faz magistério público e procura dar-lhe forma actuante, imediata, interventora.

«Chama-me maluco um Professor catedrático porque falei de liberdade na educação dos j6vens, de educaç6o de aut6nomos pela autonomia,» escreve ele a abrir *Paideia-Sugest6es e Conselhos de H6 Mais de 30 Anos*. E o tom habitual 6 este. T6o incisivo como quando traça a sua magistral *Introduç6o Geogr6fico-Sociol6gica 6 Hist6ria de Portugal*, t6o frontalmente aberto 6 pol6mica como quando estuda Cam6es ou aborda o neo-kantismo. T6o vivo, diga-se, e t6o alertado no di6logo que obstinadamente prop6e em cada frase, que nos salta da leitura um irreprim6vel desejo de assumir como quest6o urgente o problema em que nos envolveu, seja ele o de uma especulaç6o filos6fica ou de uma circunstancial intervenç6o pol6tica.

Eu sei, todos n6s sabemos, que em S6rgio, como nos grandes pensadores moralistas, a autenticidade mental e a acç6o c6vica requerem uma afinçada clareza na comunicaç6o. Que um Verney, arquitecto como ele da reforma pedag6gica, assim fez e que os iluministas de setecentos, com a sua paix6o da ordem cient6fica, eram partid6rios declarados do traço directo a r6gua e esquadro. Mas em Ant6nio S6rgio a toada inconfund6vel do discurso deriva n6o apenas de uma concepç6o militante da Cultura, n6o apenas da sua formaç6o cient6fica, mas de uma convicç6o muito extremada das zonas de audi6ncia verdadeiramente dignas de atingir. O p6blico que estimava mais v6lido procurou-o ele no Forum e na Escola, isto 6, na intervenç6o em campanhas colectivas (movimentos eleitorais, cooperativistas, etc.) e na reforma das ideias como ministro e como escritor que se dirige ao *J6vem* para, com ele, discutir uma Cultura em crise e atalhar um Pensamento instalado em f6rmulas feitas. «Cumpre que nos afastemos da pedagogia dogm6tica, desumana, passiva, que se tem usado at6 hoje», declara nas *Cartas de Problem6tica*, n.º 9. E no 4.º volume dos *Ensaio*s: »N6o sou erudito nem pretendo s6-lo.»

Constru6da 6 margem e contra a pauta acad6mica, a enorme obra sergiana revela-se num tom de voz bem mais j6vem, mais clara e mais imaginativa do que aquele que se amolda aos comp6ndios. Esse tom compreendeu-o melhor do que ningu6m a vanguarda das geraç6es universit6rias at6 h6 uma boa dezena de anos e s6 os condicionalismos do meio e o ex6lio a que S6rgio a si mesmo se votou no resto da vida impediram que se prolongasse e se renovasse de audi6ncia.

Joel Serr6o, ao apresentar a sua not6vel *Antologia* de Ant6nio S6rgio, situa em r6pidas linhas aquilo que no momento da leitura me surgiu como o encontro das geraç6es com o Mestre. Um encontro dificultado por mil adversidades ambientes, deliberadamente dificultado. Mas assim mesmo, a liç6o e o exemplo moral desse homem acabaram por nos tocar

fundo, e se é certo que não tivemos tempo, muitos de nós, de o escutar e de «ler com ele» as nossas discordâncias, uma coisa nos ficou, mais do que todas, indelêvelmente gravada: a de que o génio e a juventude mental são valores inseparáveis e que só se está vivo enquanto se cria.

Criar, investigando — aí está a fórmula essencial. Sérgio, com o seu idolatrado cartesianismo de base, soube como raros intelectuais da nossa história, dinamizar a Cultura e descobrir-lhe dimensões aliciantes. Como esse idolatrado cartesianismo de base e com aquela sua «certa maneira de saber as coisas» (e de as comunicar), desenvolveu um tipo de reflexão dinâmica que prende logo de início pela abertura com que se dirige ao leitor e pela esquematização aliciante do método. Lembro-me de o ter ouvido, uma vez: «O que é preciso, meu amigo, é aprendermos todos a pensar» — e sublinho agora *todos* como já na altura tinha sublinhado para mim mesmo.

Vi nisto, recordo-me bem, todo um programa em definição. Pensar em comum, ou seja, em acção. (E para Sérgio a inteligência deriva de uma adaptação activa ao meio e tem um papel essencialmente criador...) De modo que pensar o país, rever a História, apetrechar a meditação eram, antes e acima de tudo, movimentos de civilização. Ele próprio o afirmou por outras palavras: «Não tiro da História uma «lição moral», tal como a concebia um Oliveira Martins, e não vou a ela para lhe pedir exemplos (...) O meu escopo não foi o de trazer para a ciência soluções eruditas mas o de pôr em relevo certos problemas sociais.»

Assim, «julgando o passado para nos libertarmos do passado», o apostolado solitário de Sérgio representa, para além de muitas e inestimáveis descobertas e independentemente de algumas discutíveis concepções filosóficas, um apetrecho de reflexão, um método e uma ideia actuante de Cultura que hoje mesmo, 1969, se revela de flagrante actualidade. A «cidade universitária», chamemos-lhe assim, tem na obra sergiana apontados alguns dos seus problemas fulcrais com uma antecipação de dezenas de anos; a sociedade portuguesa, tomada nas suas estruturas reformistas, viu-a Sérgio com um equacionamento profético de soluções; a imagem das «elites», tão contraditória e inconscientemente guardada em alguns intelectuais progressistas da dele e da nossa gerações foi persistentemente desmitificada pelo autor dos *Ensaio*s.

Quantos anos levará o País a inventariar criticamente o espantoso trabalho deste homem de excepção? Qual o montante dos prejuízos que lhe causou? A que ponto o aparecimento de um vulto de tamanha grandeza nos faz pressentir, já não digo as injustiças deliberadas que o atingiram, mas aquelas que caíram sobre as gerações seguintes, desprovidas do seu diálogo?

Passo em revisão os exemplos de sorte ingrata que é costume citar a propósito de Sérgio. Vejo-o no grande panteão, lado a lado com Herculano, com Antero. Mas não consigo encará-lo como estátua ponderosa venerada pelo mundo dos vivos. Para mim ele apresenta-se alto e esguio, solene no meio da multidão e estranhamente calmo, mas de olhar vivo parado sobre todos nós. Como se lhe tivessem apenas cortado a voz e aguardasse o momento da última palavra.